

Discurso Científico e Dialogismo nas Ciências Humanas

Siane Gois Cavalcanti Rodrigues - UFPE¹

Resumo:

Neste trabalho, analisamos o diálogo travado entre autores de gêneros científicos e a alteridade – representada pelos seus interlocutores, pelas regras da academia e pelos autores outros que embasam a produção discursiva. Nesse sentido, consideramos o dialogismo de fundamental importância na produção do discurso científico, porquanto é no terreno do texto de pesquisa que tomam forma todos os embates travados entre os sujeitos da linguagem, pelo viés das condições enunciativas. Buscamos, pois, analisar os vínculos estabelecidos entre o eu e os outros no espaço discursivo. Tal movimento diz da reordenação, no contexto da obra, dos autores outros que embasam o discurso do autor-pesquisador após o recorte da voz social por este efetuado. É aí que, inevitavelmente, desvela-se a maneira como se opera o efeito-autoria.

Abstract:

In this paper, we analyze the dialogue between authors of scientific genres and the otherness (alterity) - represented by their interlocutors, by the rules of the academy and by the other authors, used as basis for the discursive production. Thus, we consider that the dialogism has a crucial importance to the production of scientific discourse, once it is on the grounds of research text that all the dialogical exchanges, between the subjects of the language, take shape, by means of the enunciative conditions. We, therefore, aim at analyzing the bonds held between the “I” and the others in the discursive space. Such a movement refers to the reordering, in the context of the work, of the other authors who give basis to the discourse of the author-researcher, after the view of the social voice achieved by the latter. This is where the way how the effect-authorship operates is inevitably revealed.

¹ Doutora em Letras (UFPE) e Professora de Língua Portuguesa vinculada ao Departamento de Letras, da Universidade Federal de Pernambuco.

Introdução

Toda palavra tem sempre um mais além, sustenta muitas funções, envolve muitos sentidos. A trás do que diz um discurso, há o que de quer dizer e, atrás do que de quer dizer, há ainda um outro querer dizer, e nada nunca será esgotado

Lacan.

O processo de construção de um texto, muito mais que estabelecer relações sintáticas e semânticas entre signos linguísticos e os dispor inteligível e coerentemente, envolve fenômenos extralinguísticos que, mais do que influenciá-lo, determinam-no, de forma que um estudo aprofundado da atividade da linguagem deve levar em conta fatores como as regras da sociedade em que está inserido o sujeito, as formações discursivas² que vão permear todo o seu dizer – e, conseqüentemente, as posições por ele assumidas – e a sua audiência. É em função dessa audiência que o texto existe, é para ela e, especialmente, *com ela* que se constitui, de maneira que não se pode atribuir ao outro um papel passivo nessa produção, uma vez que o texto não está pronto, acabado e tem em vista um destinatário inerte, conforme se pensou durante muito tempo, ele é construído pelo locutor e pelo interlocutor “como uma ponte ideológica” (MEDVEDEV, 1928 apud AUTHIER-REVUZ, 2004), o que nos obriga a ver o outro não como seu alvo, mas enquanto um dos seus sujeitos. Acrescente-se que se fazem presentes no discurso mais que o autor e a sua audiência, mas também o *autor outro*, cuja palavra foi retomada na construção de um novo discurso. Não há, em suma, na produção discursiva, apenas um participante, mas três: o eu, a sua audiência e aquele cuja palavra antecede a do eu.

² O suporte teórico da presente pesquisa situa-se na perspectiva enunciativo-discursiva e, dessa maneira, os termos texto e discurso – amplamente utilizados no decorrer do trabalho – são tratados como dois conceitos complementares. A referência à palavra texto em nada se aproxima da perspectiva gramatical, segundo a qual um texto é uma seqüência bem-formada de frases que progredem para um fim. Não temos em vista a unidade da frase, tampouco o intuito de trabalhar com tipologias. O texto é aqui concebido como o aspecto material, como a concretização linguística do discurso. Este, por sua vez, é aqui assumido como um conjunto de enunciados provenientes de uma mesma formação discursiva e é constitutivamente heterogêneo, porquanto é marcado pela plurivocalidade social.

A palavra é interindividual. Tudo o que é dito, o que é expresso se encontra fora da "alma" do falante, não pertence apenas a ele. A palavra não pode ser entregue apenas ao falante. O autor (falante) tem os seus direitos inalienáveis sobre a palavra, mas o ouvinte também tem os seus direitos; têm também os direitos aqueles cujas vozes estão na palavra encontrada de antemão pelo autor (porque não há palavra sem dono). A palavra é um drama do qual participam três personagens (não um dueto, mas um trio). (BAKHTIN, 2003b: 327-328)

É necessário, então, analisar essas três instâncias do discurso, de maneira a visualizar os bastidores da constituição da subjetividade e trazer à tona os seus diferentes atores, situando-os em seus cenários³ que, por um detalhe ou por outro, nunca se repetem, fazendo única cada enunciação.

No presente estudo⁴, analisamos três gêneros do discurso científico (monografia, dissertação e tese), com o objetivo de compreender o modo como se opera o efeito-autoria, mediante o contínuo processo de apreensão das vozes da alteridade pelos autores-pesquisadores. Para tanto, procederemos à análise de marcas linguísticas que materializam o discurso do outro no discurso do eu⁵, mas não nos limitamos a elas, visto que nossas atenções se voltam para a palavra impregnada de sentidos, que deixou de ser mero elemento do léxico de uma língua e passou a exprimir as vozes sociais, assumiu o *status* da interindividualidade.

A Constituição do Sujeito Bakhtiniano

³ A palavra "cenário" não remete, no presente texto, à Pragmática. Sua função neste trabalho é tão somente metafórica.

⁴ Este trabalho é parte da pesquisa por nós empreendida na tese de doutorado, que tem como título: Questões de Dialogismo: O Discurso Científico, o Eu e os Outros.

⁵ Essas formas de "representações em discurso do discurso do outro" (AUTHIER-REVUZ, 2004: 37) foi objeto de estudo do grupo de Bakhtin, que analisou o nível sintático, discursivo e literário dessa presença no discurso relatado e no romance.

A concepção de sujeito adotada o concebe na sua heterogeneidade, enquanto efeito de linguagem. Segundo o dialogismo do círculo bakhtiniano, a relação do sujeito com o outro é interior. E é a dupla natureza da palavra – ela é, de um lado, representativa de um diálogo consensual entre indivíduos e, de outro, do discurso interior dos sujeitos – que caracteriza a interioridade da relação entre o eu e o outro:

Há uma outra propriedade da palavra que é da maior importância e que a torna o primeiro meio da consciência individual. Embora a realidade da palavra, como a de qualquer signo, resulte do consenso entre os indivíduos, uma palavra é, ao mesmo tempo, produzida pelos próprios meios do organismo individual, sem nenhum recurso a uma aparelhagem qualquer ou a alguma outra espécie de material extracorporal. Isso determinou o papel da palavra como material semiótico da vida interior, da consciência (discurso interior). (BAKHTIN, 2002: 37)

Esse outro, mais do que se materializar discursiva e linguisticamente, participa da constituição do sujeito. Tal olhar desconsidera qualquer possibilidade monológica do discurso, porquanto a relação do eu com a alteridade é anterior à produção discursiva e intrinsecamente ligada a ela. É anterior justamente porque o dialogismo não representa apenas o diálogo entre textos (seja esse diálogo implícito ou explícito), mas um diálogo entre consciências. Bakhtin (op.cit.: 33-34), ao analisar a relação do signo com a ideologia, trata desse diálogo interior, ao afirmar que é por meio dos signos que a consciência existe. Quando novos signos (desconhecidos por um determinado sujeito e carregados de ideologia) adentram na consciência individual, relacionam-se com aqueles os quais tal indivíduo já conhece. É nesse processo que se concretiza o diálogo entre duas (ou mais) consciências, por meio da natureza ideológica do signo. A perspectiva dialógica interior aniquila, pois, a suposta solitude discursiva monológica, bem como a solitude constitutiva do sujeito, ou seja, ele, até quando não profere nenhuma palavra, está sempre em companhia de outrem. O discurso do outro não está, desta forma, justaposto ao discurso

do eu, mas *presente nelé*. Para Bakhtin, antes de emergirem discursivamente, elementos linguísticos, históricos e sociais fazem-se presentes no âmago da personalidade do sujeito.

Dialogismo e Discurso Científico

O dialogismo é, pois, um termo fundamental na produção do discurso científico (especialmente para as Ciências Humanas), pois é no terreno do texto de pesquisa que tomam forma todos os embates travados pelo *eu* e pela alteridade, pelo viés das condições enunciativas. Amorim (2006: 23), tratando do dialogismo nessa área do conhecimento, assim se posiciona:

Tecidas entre explicação e interpretação, as Ciências Humanas se constroem entre ‘pravda’ e ‘istina’, entre univocidade e multiplicidade. Quando conceitualiza, inscreve-se no eixo do unívoco e do repetível; quando interpreta, responde ao discurso do outro de um lugar único e irrepetível.

Mas Bakhtin era filósofo e não cientista. No ensaio “O problema do texto na Lingüística, na Filosofia e em outras ciências humanas” (2003b: 307), ele explicita a sua função social de autor, afirmando-se não enquanto linguista, filólogo ou crítico literário, mas como um filósofo cujos estudos se situam em linhas fronteiriças que delimitam diferentes áreas:

Cabe denominar ‘filosófica’ a nossa análise antes de tudo por considerações de índole negativa: não é uma análise linguística, nem filológica, nem crítico-literária ou qualquer outra análise (investigação) especial. As considerações positivas são estas: nossa pesquisa transcorre em campos limítrofes, isto é, nas fronteiras de todas as referidas disciplinas, em seus cruzamentos e junção.

⁶ A condição do outro enquanto algo não externo, mas constitutivo do discurso, condição de sua produção, é parte da concepção psicanalítica do sujeito, ancorada na teoria do descentramento freudiano.

Assim, ele não constrói, na sua concepção dialógica, um modelo analítico, ou seja, não há uma preocupação de recortar o objeto, como se faz na ciência. Foi considerando tal fato que precisamos, no presente estudo, efetuar uma transposição do seu conceitual filosófico para o modelo analítico. O interesse dele é pelas relações dialógicas, que são de natureza semântica, de significação que se estabelecem entre dois enunciados quaisquer, quando postos em contato. Suas atenções voltam-se sempre para o estudo do discurso e do enunciado. Tais relações dialógicas levam em conta que cada ser é uma realidade singular que mantém com outros seres relações valorativas, as quais dão sentido à sua existência. Isso significa que cada um de nós é efeito da alteridade, que nada somos fora das relações com os outros, já que estamos, permanentemente, participando de um diálogo que nunca se finda. Daí porque a nossa consciência, longe de ser individual, é plurivocal.

À luz de tais considerações, analisemos o segmento abaixo, um fragmento da tese de doutorado em Letras:

Fatores histórico-sociais, envolvendo a constante política governamental no Brasil, desde os tempos da colônia, que tinha por objetivo o extermínio das populações indígenas brasileiras, seja pelas chamadas “guerras justas”, seja pela tentativa de conversão pela miscigenação, três das principais estratégias utilizadas, sobretudo no Nordeste, contribuíram para as características atuais da reserva Fulni-ô.

A fim de tecer a sua análise sobre as características atuais da reserva Fulni-ô, a autora precisou recorrer a discursos outros, que remontam à história do Brasil colônia. É refletindo sobre o discurso da alteridade, é escrevendo sobre o que já está escrito que se constrói a teia dialógica, que se manifesta, enfim, a plurivocalidade discursiva. Nessa sistemática, constitui-se o texto em Ciências Humanas e se trava um diálogo entre o discurso que já existe e o que ainda está por vir.

Assim se constrói o pensamento valorativo, axiológico do cientista. “É um encontro de dois textos, do texto pronto e do texto a ser criado, que rege; conseqüentemente, é o encontro de dois sujeitos, de dois autores.” (BAKHTIN, 2003b: 311). Assim, a autora do segmento de tese em pauta pôde, nesse movimento, identificar

aspectos determinantes nas particularidades do seu objeto de estudo. É quando conclui que os fatores histórico-sociais *contribuíram para as características atuais da reserva Fulni-ô* que ela marca efetivamente a sua presença no discurso e dialoga explicitamente com a alteridade. Esse diálogo também se faz explícito quando ela utiliza, antes da expressão “guerras justas” a palavra “chamadas”, indicando não apenas que tal expressão não é sua, mas do outro (e aí ela marca uma linha divisória explícita entre a alteridade e o eu), como, e principalmente, a sua não-adesão a tal discurso.

Para Bakhtin (op.cit.: 309), nesse processo, o sujeito tem o papel de segundo autor porque, a partir do texto do primeiro (do autor que embasa a sua produção) produz um outro texto, por ele denominado de *emoldurador*: “O problema do segundo sujeito, que reproduz (para esse ou outro fim, inclusive para fins de pesquisa) o texto (do outro) e cria um texto emoldurador (que comenta, avalia, objeta etc.).” O comentário, a análise, a observação que faz o segundo sujeito do texto do primeiro são únicos porque única é a localização espaço-temporal daquele e irrepitível é a enunciação. É nesse aspecto que reside, para o autor, o sentido do texto, é ele que justifica a sua gênese. A impossibilidade da repetição evidencia-se numa simples retomada que o próprio autor precise fazer do seu texto, ou numa citação de uma obra anterior, quando da produção de uma obra nova. Todas as vezes que a autora da tese de onde foi extraído o segmento (7) da página anterior apresentou os resultados de sua pesquisa em seminários, congressos, palestras, inclusive, no momento da defesa, um novo texto, com novas e diferentes redes comunicativas se estabeleceu:

(...) é possível, evidentemente, a mesma reprodução do texto (por exemplo, a cópia), mas a reprodução do texto pelo sujeito (a retomada dele, a repetição da leitura, uma nova execução, uma citação) é um acontecimento novo e singular na vida do texto, o novo elo da cadeia histórica da comunicação discursiva. (BAKHTIN, 2003b: 311)

Relações Dialógicas nas Ciências Humanas

No ensaio *O Problema do Texto na Linguística, na Filologia e em outras Ciências Humanas* (BAKHTIN: 2003b), o teórico situa as disciplinas humanísticas entre dois pólos. O primeiro representa uma potencial linguagem das linguagens, uma “lógica geral dos sistemas de signos” (op. cit.: 311) que, embora nunca possa vir a tornar-se uma linguagem única, universal e tampouco virar uma linguagem específica, possibilita a decodificação de qualquer língua, ou seja, toda língua é docodificável, por conta de um sistema geral. O mesmo acontece com o sistema interno de cada uma. Cada língua abarca uma gama de normas que mantém entre si uma relação lógica. Esse sistema comporta todas as variações e normas linguísticas que caracterizam as línguas naturais. O primeiro pólo das Ciências Humanas está na ordem do sistema da linguagem, porquanto todo texto pressupõe um sistema de signos que foi convencionalizado por um determinado grupo social. Sem o domínio desse sistema, o autor não poderia se fazer entender pelos outros.

O segundo pólo vincula-se não ao sistema em si, mas às redes de relações dialógicas dos textos e à sua inerente unicidade, ao aspecto do não-repetível. É na singularidade do texto que trava um debate com textos outros, ou seja, é no âmbito do segundo pólo que se manifesta a autoria, dado que ele não é da ordem dos elementos repetíveis dos sistemas, mas da dialogicidade discursiva:

Entre esses dois pólos se dispõem todas as possíveis disciplinas humanísticas, oriundas do dado primário do texto. Ambos os pólos são indiscutíveis: é indiscutível a potencial linguagem das linguagens, como é indiscutível o texto único e singular. (BAKHTIN, 2003b: 310)

É quando exprimem a expressividade, a visão de um sujeito que as palavras deixam de ser simples unidades da língua (1º pólo) para materializar, inseridas em contextos valorativos diversos, a bivocalidade, para trazer ao palco duas vozes (2º pólo): a voz do segundo sujeito, que, por sua vez, retoma um primeiro. “Quando nas linguagens, gírias e estilos começam a se fazer ouvir as vozes, estas deixam de ser meios exponenciais de expressão e se tornam expressão atual, realizada. A voz que entrou nelas passou a dominá-

las.” (op.cit.: 327). Sendo as Ciências Humanas as ciências do discurso, as ciências do homem, o seu objeto não é mudo ideologicamente. Ao contrário, ele é fala, é expressivo.

Quando a linguista Januacele Francisca da Costa, em sua tese de doutoramento, efetuou a descrição morfológica (assim como a fonológica e a sintática) da língua Ya:thê, falada pela tribo Fulni-ô, mediu-se pelos dois pólos: o primeiro, quando registrou palavras que, dissociadas de contextos comunicativos, eram tão somente unidades que pertenciam a classes gramaticais; o segundo, no momento em que, considerando contextos comunicativos essencialmente valorativos, levou em conta o aspecto subjetivo da palavra, a expressividade inerente à atividade humana, em um contexto dialógico sócio-temporal específico.

Há, pois, uma heterogeneidade que constitui a palavra enquanto realidade social. A língua é, nesse sentido, a manifestação da plurivocalidade social, onde emergem os enunciados que, por sua vez, formam uma verdadeira teia dialógica. Esse processo confere à língua a dinamicidade que lhe é peculiar.

Nesta pesquisa, a seleção de trabalhos de Ciências Humanas justifica-se justamente porque é nessa área que a manifestação da plurivocalidade social é latente. O pesquisador dessa área faz um trabalho de “idas e vindas” na tessitura do seu discurso, ou seja, faz um permanente movimento de sair de sua posição para procurar enxergar a realidade com os olhos dos autores que embasam o seu dizer, a fim de compreender o ponto de vista deles acerca de uma dada questão para, depois, voltar à sua posição de autor-pesquisador e apresentar a sua forma de ver a mesma realidade, considerando, ao mesmo tempo, a alteridade (em que se incluem também os seus futuros leitores). É essa dinâmica que constitui o objeto dessa área do conhecimento, um objeto que, assim como o autor e a alteridade, também tem voz. Esse objeto, que é o texto (seja na modalidade oral ou escrita), é por Bakhtin (2003b: 307-308) considerado como “dado primário” das disciplinas que integram as Ciências Humanas:

São pensamentos sobre pensamentos, vivências das vivências, palavras sobre palavras, textos sobre textos. Nisto reside a diferença essencial entre as nossas disciplinas (humanas) e naturais (sobre a natureza),

embora aqui não haja fronteiras absolutas, impenetráveis. O pensamento das Ciências Humanas nasce como pensamento sobre pensamento dos outros.

É no âmago dessa dinâmica que emerge a problemática da presente análise. O pensamento sobre o pensamento, o discurso sobre o discurso pressupõem um “eu” que nada é fora dessa relação com o outro. Esse eu, ao mesmo tempo em que não existe como um ser único, constitui-se, na edificação do seu discurso, como um autor que, na unicidade de sua posição no mundo, tem uma forma irrepetível de dizer, através da qual se manifesta o efeito-autoria. E é justamente ao “como?” o efeito-autoria acontece, mediante a apreensão de todas essas vozes, que procuramos compreender.

Ao tentar responder a essa pergunta, consideramos que ser autor é sempre orientar-se no universo da plurivocalidade dialogizada. É assumir, além disso, uma posição axiológica frente ao que já é valorado. É exatamente isso que faz um pesquisador ao refletir sobre o pensamento de outrem para organizar o seu próprio pensamento. Assim, ele responde ao que já foi dito, dado que todo texto tem o seu pré-texto (e um pós-texto), mas a sua unicidade é garantida pelo complexo quadro de relações axiológicas. Observe-se o segmento abaixo, que é uma parte da conclusão da monografia de especialização em Arquitetura e Urbanismo. Em relação às expectativas sobre a sua pesquisa, o autor faz a seguinte consideração:

Buscou-se com este trabalho efetivar uma contribuição pequena, porém significativa de mudança operacional, dentro das limitações do atual contexto político, social e econômico.

No seu processo de organização textual, o autor precisou posicionar-se valorativamente em relação a discursos que antecederam o seu, marcados, no segmento acima, pela expressão *o atual contexto política, social e econômica*. Embora o contexto ao qual ele se refere já esteja imbuído de relações valorativas, o pesquisador terá, sempre, a possibilidade de também posicionar-se valorativamente frente a essas outras posições, pois, ainda que, nesse tipo de discurso, seja impossível que apenas uma voz fale, dado que a

pluralidade vocal é constitutiva da pesquisa científica, a unicidade do lugar que o autor-pesquisador ocupa no mundo, a unicidade do seu olhar é garantida justamente pela complexidade desse quadro de relações axiológicas. Isso poderia facilmente verificar-se se vários pesquisadores, embasados pelos mesmos teóricos e que tivessem os mesmos objetivos e problemas de pesquisa, se debruçassem sobre o mesmo objeto. Cada pesquisa feita seria única, dada a unicidade da posição ocupada por cada um deles no mundo.

O autor da monografia em pauta, ao considerar que buscou, com o trabalho, “(...) efetivar uma contribuição pequena, porém significativa de mudança operacional”, sinaliza, ainda que não tenha consciência disso, a existência dos pós-textos que serão produzidos a partir do seu, seja pela banca examinadora, ao fazer a sua avaliação, seja pelos seus possíveis leitores futuros.

O fato é que, não apenas no discurso científico, mas em todo o tipo de manifestação da comunicação humana, não há como escapar a essa orientação dialógica. Mesmo as análises linguísticas que optem por desconsiderar o autor e se voltem ao estudo da língua pela língua – a exemplo das análises de orações idealizadas – têm, detrás, um autor que as idealizou e que, como afirma Bakhtin (2003b: 308), imagina um falante que assim se comunicaria.

Todo texto tem um sujeito, um autor (o falante ou quem escreve). (...) Em certos limites, a análise linguística pode até abstrair inteiramente a autoria. A interpretação de um texto como ‘modelo’ (os juízos modelares, os silogismos na lógica, as orações na gramática, a ‘comutação’ na linguística etc.). Textos imaginários (modelares e outros). (...) Aqui, manifestam-se e toda parte tipos especiais de autores, inventores de exemplos, experimentadores com sua peculiar responsabilidade autoral (aqui existe também um segundo sujeito: quem poderia dizer dessa maneira).

O presente trabalho, conforme explicitado anteriormente, tem em vista a constituição do efeito-autoria, pelo viés da concepção dialógica bakhtiniana. Ainda que tenhamos como pressuposto que o fenômeno dialógico transcende as formas da língua

(vão além do sistema de um idioma), tomamos o material linguístico com ponto de partida para as análises que permeiam todo o texto, pois é no texto, nas palavras, que as relações dialógicas materializam-se. Assim, destinamos o capítulo três, a seguir, para a análise das marcas modais no discurso científico como subsídio para compreender como os autores-pesquisadores posicionam-se diante de seus próprios textos, tendo em vista a alteridade.

Considerações Finais

Os autores-pesquisadores foram por nós considerados como sujeitos inacabados, inconclusos que, longe de serem previsíveis e de terem como função única produzir textos para serem “enviados” aos seus destinatários, são, constitutivamente, marcados pela presença da alteridade. No ato de produção textual, eles nunca estão sozinhos, mas acompanhados dos seus futuros leitores, dos autores outros que embasaram o seu dizer e das regras da comunidade acadêmica. Isso significa que o espaço discursivo é ocupado por ele e pelos outros. Tem-se, pois, como premissa, que a produção do discurso científico pressupõe a existência de mais de um participante, de mais de uma consciência.

Ao interagir com a alteridade, o “eu” não perde de vista as regras do espaço onde o seu texto irá circular. Tais regras são por ele internalizadas para, a seguir, serem inseridas nos contextos comunicativos. Entretanto, tal inserção (que é a materialização linguística da apreensão que o sujeito faz do discurso da alteridade) não é uniforme entre diferentes sujeitos e relaciona-se à comunidade linguística.

Os cientistas operam com a voz social, de onde provêm os autores que fundamentam o seu discurso. Tais autores encontram-se, antes do recorte da voz social operado pelo autor-pesquisador, numa aura de relações axiológicas, valorativas. Ao passarem a integrar o texto científico, eles são reordenados em um contexto de relações axiológicas diferentes daquele da voz social. O efeito-autoria concretiza-se justamente na liberdade que tem o pesquisador de ordenar tais autores em seu texto, conforme seus objetivos. Nesse momento, ele pode redizer o que já foi dito, amarrando a fala do outro à

sua fala, (re)significando-a em um “mundo” diferente daquele de onde provém. O sujeito constitui-se como autor quando pode “dirigir” o diálogo que resolveu travar entre a sua consciência e a de outrem.

Referências Bibliográficas

AMORIN, M. Ato *versus* objetivação e outras posições fundamentais no pensamento bakhtiniano. In FARACO, C. A. *et alli* (orgs). *Vinte Ensaios sobre Mikhail Bakhtin*. Petrópolis (RJ), Vozes, 2006. p.17-24.

_____. *O Pesquisador e seu outro – Bakhtin nas Ciências Humanas*. São Paulo: Musa Editora, 2004.

AUTHIER-REVUZ, J. *Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido*. Revisão técnica da tradução: L. B. Barbisan e V. do N. Flores. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

_____. *Palavras incertas: As não-coincidências do dizer*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1998 a.

_____. *Enonciation, meta-énonciation: Hétérogénéités énonciatives et problématiques du sujet*. In VION, R. (Ed.). *Les sujets et leurs discours – énonciation et interaction*. Université de Provence, 1998 b. pp 64-79.

BAKHTIN, M. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. Trad. Aurora Fornoni Bernardini et alii. São Paulo: Editora da UNESP e Hucitec, 1988.

BAKHTIN, M. (Voloshinov). *Marxismo e Filosofia da Linguagem* 10. ed. Tradução de M. Lahued e Y. F. Vieira. São Paulo, Hucitec, 2002.

BAKHTIN, M. *Problems of Dostoevsky's Poetics*. 9. impr. United States of America: University of Minnesota Press: 2003 a.

_____. *Estética da Criação Verbal*. 4. ed. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003 b.

RODRIGUES, S. G. C. *A modalização como expressão da subjetividade no discurso científico*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco. Recife: UFPE, 2002.

RODRIGUES, S. G. C e ARAÚJO, G. M. L. A Modalização em Texto Acadêmico: Graus de Explicitude e Engajamento do Autor com o discurso. In *Revista Arte Comunicação* Ano 9. n. 8. UFPE. CAC. Recife. Multicopy, 2003.

RODRIGUES, S. G. C. Texto/Discurso: graus de explicitude engajamento do autor com o discurso. In: MOURA, D. (org.). *Oralidade e escrita: estudos sobre os usos da língua*. Maceió: EDUFAL, 2003.

RODRIGUES, S. G. C. e IAPECHINO, M. N. K. Instâncias Enunciativas em o Auto da Compadecida: O Julgamento de João Grilo. In *Anais da XXI Jornada de Estudos Linguísticos do Nordeste*, João Pessoa (PB), 2006. p. 2694-2701.

RODRIGUES, S. G. C. O Processo de Escrita do Candidato do ENEM: Autoria Versus Apagamento de Autoria. In ANDRADE, G. G. e RABELO, M. L. (orgs). *A Produção de Textos no ENEM – Desafios e Conquistas*. Brasília: UnB, 2007. p. 197-206.

_____. O Autor-Pessoa Bakhtiniano e o Autor-Pesquisador: Possíveis Interseções. In: DIONÍSIO, A. P. et alli (orgs). *Anais do PG Letras 30 anos – O Caminho se Faz Caminhando* Volume I. Recife: UFPE, 2007.

